

2007 - Bebidas para calar o silêncio?

Bebidas para calar o silêncio?por: Eugénio Costa Almeida©

Nada como chegar um vizinho novo, um tal Nicolas Sarkozy, ao bairro para se fazer uma festa de recepção e acolhimento. Foi isso que fizeram uns quantos solidários vizinhos do novo locatário do palácio do Eliseu. Juntaram-se à volta de uma mesa num botequim chamado Quai d'Orsay, cujo novo chef se chama Bernard Kouchner, bebericaram uns quantos copos de bourbon ou de champagne e falaram de tudo e de nada. Mais de nada que de tudo. Porque, dizia o novo vizinho, é preciso calar o silêncio! Começaram numa de substituir o Tratado Constitucional – até que enfim assumiram que era um Tratado Constitucional – da União Europeia por um Memorandum de entendimento conducente a um novo Tratado que ainda não é Tratado. Depois, o tal grupo de vizinhos, cerca de 18 onde se incluíam o G8 e a China e algumas ONG's, decidiram-se por coisas mais brejeiras como, por exemplo, falar de um tal Darfur chamando-lhe, pomposamente, Conferência Internacional para o Darfur (Sudão). Brejeiras porque se fosse com interesse em resolver ou contribuir para a resolução do problema não teriam se esquecido de convidar as partes mais interessadas no problema. Logo, uma Cimeira que à partida mostrou estar ferida de morte. Porque, certos vizinhos importantes para a resolução de Darfur serem esquecidos é não se querer terminar com o problema. Como foi possível se esquecerem de convidar o Chade e a República Centro-Africana, que acolhem uma parte significativa dos cerca de 2 milhões de refugiados de Darfur que o Alto-Comissário para os Refugiados, António Guterres, avisou estarem no limite mínimo da sub-humanidade, e, last, but not least, o Sudão e os rebeldes, actualmente cerca de 19, que afrontam o governo de Cartum? Resultado, a União Africana decidiu não estar também presente, até porque terá sabido pela Comunicação social da Cimeira!!! E é a União Africana, em conjunto com a Nações Unidas, quem tem cerca de 7000 mal armados efectivos a tentar manter a fragilíssima paz(?) no Darfur. E mais grave, ainda, quando o presidente sudanês, Omar el-Beshir já, finalmente, aceitou a presença conjunta de forças da União Africana e da ONU. Uma força basicamente africana mas com o apoio logístico, de equipamento e homens, do Ocidente. Uma vez mais a China modela pela discrição; ou seja, pela não presença na “coligação” porque se falhar apresentar-se-á como a chave final. Dizer que a Comunidade Internacional tem de redobrar os esforços para a resolução do conflito e depois o mesmo ser tratado sempre nos mesmos areópagos com injeções de euros e, ou dólares, ameaças de sanções e, no fim, ficarem-se pelas já habituais promessas de apoio aos esforços de manutenção de paz e ao processo político conducente a pôr fim à violência na região, forçando Cartum e os rebeldes celebrarem um acordo político mais consistente, já Darfur está farto. E tal como Darfur, os africanos! Já estamos fartos de ver morrer inocentes só porque ninguém, repito, ninguém quer hostilizar a China, principal “accionista” do Sudão nos hidrocarbonetos nem, tão-pouco, ver el-Beshir ser obrigado a relembrar aos EUA que terá sido ele quem “denunciou” os rebeldes iraquianos e os da al-Qaeda que por lá se acoitaram em determinada altura. África, e também a Comunidade Internacional, já começa a estar farta de ver que os seus assuntos continuam a ser tratados fora do Continente porque continuam a achar que os africanos não têm capacidade para resolver os seus problemas. E o somatório desta mentira acaba por se tornar numa grande verdade que leva certos sectores africanos a começarem a acreditar que, realmente, não são capazes. Temos de reverter esta situação. Não basta Muammar Kadafi querer tornar a União Africana – um absurdo – num Estados Unidos de África, provavelmente liderados por ele, se África continua a falar a várias vozes e, quase todas, de e fora do Continente. Não basta haver potências regionais e locais em África quando os interesses africanos continuam serem tratados por terceiros. Será que os africanos não sabem resolver os seus problemas? Não será altura dos africanos voltarem à sua ancestral história e aprenderem como os mais velhos, os securos, os kotas, resolviam sensatamente certas contendas? Parece que chegou o momento. Não podemos continuar a esperar que outros resolvam os nossos problemas. Ou será mais cómodo nos deitar num sofá de um qualquer psiquiatra sino-ocidental e este que resolva os nossos problemas? 26-Junho-2007 ©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed. nº. 122, de 07-Julho-2007